

A presença indígena no Telejornalismo Paraense

Arcângela Sena¹

Resumo: A relação entre sociedade e mídia está densamente imbricada no contexto contemporâneo. Uma relação que passa por transformações tecnológicas e de processos comunicacionais que atingem diretamente as identidades dos grupos sociais. Hoje, os discursos que circulam nos espaços abertos pelas atuais tecnologias convivem com as novas e tradicionais formas de produzir sentidos. As sociedades amazônicas são parte integrante deste cenário, inseridas nessa globalização. Pretendemos discutir a mídia televisão e a identidade da população indígena que vive no Pará, a partir da compreensão dos estereótipos refutados ou reforçados no telejornalismo local, fundamentados pelas formulações de Michel Foucault sobre saber e poder, tomando como base o processo de produção da notícia. A temática indígena disputa espaço nas pautas diárias com outras pautas de interesse social e, portanto, dos produtores do telejornalismo. A mídia representa uma nova fronteira para grande parte dos povos indígenas. Os meios de comunicação atualizam uma memória sobre estas sociedades; a nudez ainda é retomada como marca identitária, mas trazem a questão da selvageria com uma nova moldura, pois, na maioria das vezes inventa um índio limitado aos conflitos de terra, que pouco tem a contribuir com a sociedade brasileira.

Palavras-chave:

Televisão. Telejornalismo. Identidade. Índio. Memória.

¹ Mestranda em Ciência da Comunicação, pelo Programa de PPGCom/UFPA; graduada em Jornalismo e Publicidade pela Universidade Federal do Pará; membro do Grupo de Estudos, Mediações, Discursos e Sociedades Amazônicas(GEDAI); Professora e Coordenadora Adjunta do curso de comunicação social da Estácio do Pará.

Abstract

The relationship between society and media is heavily intertwined in the contemporary context. A relationship that involves technological change and communication processes that directly affect the identities of social groups. Today, the discourses that circulate in the open spaces by current technologies coexist with new and traditional ways of producing meanings. Amazonian societies are an integral part of this scenario, embedded in this globalization. We intend to discuss the television media and the identity of the indigenous population living in Pará, from the understanding of reinforced or refuted on the local TV news stereotypes, founded by Michel Foucault's formulations of knowledge and power, based on the process of news production. The indigenous issues in daily agendas compete for space with other patterns of social interest and therefore the producers of television journalism. The media is a new frontier for most people indígenas. Os media update a memory about these companies; nudity is still taken up as brand identity but bring the issue of savagery with a new frame, for the most part limited to devises a land conflict that has little to contribute to the Brazilian Indian society.

Keywords:

Television. television news. Identity. Indian. Memory.

Introdução

A descrição ideal do indígena, no Brasil, é povoada por redes de memórias estabelecidas, a partir de possibilidades de condições históricas, em vários enunciados sobre os “índios”, ainda no século XVI, seja através de literatura ou de iconografia de viagens cheias de desdobramentos morais e filosóficos, que utilizavam como dispositivos, cartas, relatórios internos ou descrições que dão conta de uma figura ideal para a sociedade àquela época. Hoje, no contexto contemporâneo, a materialidade do corpo indígena ideal é reafirmada ou refutada pela intrínseca relação entre sociedade e mídia. Uma relação que passa

por transformações tecnológicas e de processos comunicacionais e que atingem diretamente as identidades dos grupos sociais, fazendo circular discursos nos espaços abertos pelas recentes tecnologias que convivem com as novas e tradicionais formas de produzir sentidos. As sociedades indígenas são parte integrante deste cenário, inseridas nessa globalização.

A temática indígena disputa espaço na pauta com outras temáticas de interesse da sociedade e, portanto, dos produtores do telejornalismo. O artigo faz parte dos estudos, desenvolvidos pelo GEDAI, Grupo de Estudos, Mediações, Discursos e Sociedades Amazônicas, coordenado pela Professora Doutora, Ivânia Neves, que há quatro anos, vem se dedicando a pesquisas sobre identidades indígenas no Brasil. Acontecimentos recentes como a construção da hidrelétrica de Belo Monte, além de outros estudos e pesquisas e a relação indígena com as novas tecnologias, evidenciaram os povos indígenas na mídia nacional e internacional, o que mostra a urgência de trabalhos sobre a construção das subjetividades desses povos na mídia, aqui proposta no telejornalismo.

A pesquisa sobre a presença indígena no telejornalismo local ainda está em sua fase inicial, mas já esboçamos, neste artigo, as primeiras reflexões sobre redes de memórias, saber poder e condições de possibilidades históricas na comunicação televisiva na Amazônia, que observamos no próximo tópico.

A partir de dispersões de regularidades discursivas (FOUCAULT 2014), os meios de comunicação atualizam redes de memórias sobre as sociedades e o telejornalismo funciona como um espaço privilegiado de produção de sentidos sobre estas sociedades. A nudez ainda é retomada como marca identitária e, em grande medida, determina o processo de seleção e escolha da luz, do ângulo, da figura a ser evidenciada pelo telejornalista.

O processo de construção de matérias sobre os povos indígenas se constitui com toda uma produção de sentidos pré-existente, que pode ser remetida à Carta de Caminha “Homens pardos, todos nus, sem nenhuma coisa que lhes cobrisse suas vergonhas, traziam arcos nas mãos e suas setas...”. Um diálogo envolto num jogo de palavras que estabelece um corpo canônico de saber sobre o novo mundo. Além dessas questões, a moldura da selvageria indígena, na maioria das vezes, inventa um “índio” limitado aos conflitos de terra, que pouco tem a contribuir com a sociedade brasileira.

Nos trabalhos de GEDAI, a presença indígena na mídia nacional e internacional já foi objeto de estudos recentes, como os que falam da apropriação, por parte desses povos, dos dispositivos tecnológicos e das técnicas de produção de material audiovisual. Embora retome algumas destas pesquisas, este artigo se propõe a pensar, mais especificamente, as questões de comunicação na Amazônia, tendo como recorte a presença indígena no telejornal paraense. Quais os regimes de verdade e as redes de memória que posicionam as identidades indígenas, no telejornal local?

2. As condições de possibilidades históricas na comunicação televisiva na Amazônia

A relação entre sociedade e mídia está densamente imbricada no contexto contemporâneo. Em texto, apresentado na Compós de 2012, o professor doutor José Luiz Braga fala dessa relação e da importância para esta, do processo de escuta para uma “compreensão da circulação simbólica”:

...processos comunicacionais se apresentam, na prática social, de modo consciente, por uma percepção difusa de sua relevância. Torna-se inevitável pensar sobre eles quando nos engajamos nas interações cotidianas. A sociedade “sabe” (ainda que o faça de modo canhestro ou tendencioso) que “a comunicação está na escuta”. E isso muda todo o nosso relacionamento com a própria ideia de comunicação. (BRAGA, 2012,p.06)

Os processos de comunicação na Amazônia são bastantes plurais, com contexto multifacetado e complexo e a mídia local torna-se resultado dessa complexidade, através dela se tem uma produção social de sentidos, de identidades. De acordo com Braga (2006), “uma evidência de que a sociedade age sistematicamente sobre a mídia (ao “falar” sobre esta e seus produtos) é justamente o fato de que se instalam na sociedade tais dispositivos” (BRAGA, 2006, p. 37). “Hoje, pensar em uma análise das produções de sentido pela mídia não se limita mais a compreendê-la como uma “ação representacional”(NEVES, p.05,2013). Fazer a história descontínua dos acontecimentos que envolvem as sociedades indígenas e sua relação com as sociedades ocidentais, é compreender como a mídia constrói as diferentes identidades desses povos, e também compreender como “cultura midiáticas”(NEVES, 2013), se constroem a partir dessas dispersões históricas. Segundo Foucault (2005):

Para a história, em sua forma clássica, o descontínuo era, ao mesmo tempo, o dado e o impensável: o que se apresentava sob a natureza dos acontecimentos dispersos – decisões, acidentes, iniciativas, descobertas – e o que devia ser, pela análise, contornado, reduzido, apagado, para que aparecesse a continuidade dos

acontecimentos. A descontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história. Ela se tornou, agora, um dos elementos fundamentais da análise histórica. (FOUCAULT, 2005,p.09)

Deslocando a idéia de Foucault, nos parece ser importante para entendermos os enunciados presentes na mídia massiva da região, compreender, primeiro, as condições de possibilidades históricas desses relatos e que se constroem desde a necessidade que o governo brasileiro teve e continua tendo de integrar a Amazônia ao resto do País. O comandante militar da Amazônia, General Eduardo Villas Bôas, concedeu entrevista ao Jornalista Lucas Reis, correspondente da Folha de São Paulo, em Manaus, em outubro do ano passado, e afirmou que “ A Amazônia é como uma colônia do Brasil, não está integrada ao país e, portanto, não há conhecimento de sua realidade e potencial”(Folha de S.Paulo,19/10/13-caderno Poder)

Desde a época do golpe militar a necessidade de estratégias para a integração da Amazônia ao restante do território brasileiro foi vista como prioridade e uma das táticas utilizadas foi o desenvolvimento das telecomunicações na região. Para Caparelli,

A televisão talvez fosse o melhor meio de comunicação para representar esta espécie de integração. Porque refletia a acumulação e concentração de capital, era formada por um oligopólio da indústria da informação, estava situada num país dependente e tendia a reproduzir internamente as disparidades a nível internacional. De um lado, a importação dos padrões norte-americanos de programação reforçava as tendências e legitimava a própria dependência; do outro, a televisão servia aos interesses dos grupos dominantes e, sob rígida censura, legitimava a política econômico-financeira do Governo e reforçava os valores da coalização dominante do poder pós-64.”(CAPARELLI, 1982,p.34)

Foram criados os eixos rodoviários Belém - Brasília (BR-010), a estrada Cuiabá-Santarém (BR-163) e a Cuiabá - Porto Velho - Rio Branco (BR-364), interligando a Região Amazônica, por via terrestre, ao litoral, ao planalto central e ao Centro-Oeste. Foram construídas, também, a BR-319, ligando Porto Velho a Manaus, e a BR-174 unindo Manaus a Caracará e Boa Vista, alcançando as fronteiras da Venezuela e da Guiana.

Mas, a criação de rodovias, bancos, superintendências e instituições acadêmicas tinha como meta, também, fazer com que a Amazônia fosse vista como um grande pólo de investimentos empresarias. Não foi à toa que durante o regime militar, muitos empresários foram convidados a conhecer a região e a investir no local, pois se assim o fizessem teriam inúmeras facilidades fiscais.

A atividade industrial no Estado do Pará era pouco expressiva, depois da Segunda Guerra Mundial. Predominavam as empresas ligadas ao extrativismo da castanha, do fumo, da fiação e tecelagem de aniagem, com aproveitamento das fibras naturais (malva e juta) e de bebidas (guaraná e aguardente). Uma realidade que até hoje, torna o Estado pouco destacado, nesse setor, junto ao resto do País.

Em meio a todo este cenário a televisão começou a interagir nos hábitos da população. Parecia ser a única ligação aos centros onde aconteciam as decisões políticas do País, distantes geograficamente. Para o resto do Brasil, a Amazônia era uma área desconhecida. Esse desconhecimento gera conceitos de uma região generalista, sem subjetividades. O imaginário dos povos da floresta ainda lembra os relatos da época do Brasil colônia.

Durante séculos, a história dos povos da Amazônia ficou relegada ao ostracismo, ao passado, inclusive para quem vive na região. O discurso segundo Torres(2011), entre a população local e nacional é povoado por sentidos, “ os que se intitulam da “Amazônia” convocam um passado de subalternidade, exploração e violência, e ao mesmo tempo, de resistência para defender a terra, seus recursos e sua gente. Os que se intitulam do Brasil branda que a “Amazônia é nossa” frente ao avanço estrangeiro”.

Um cenário que coloca, até hoje nos telejornais, a notícia, com temática indígena, construindo e apresentando ao público diferentes identidades sobre essas sociedades. Há, portanto, entre o telejornal e o público diversas construções e compartilhamento de sentidos sobre os indígenas. A produção e compartilhamento de sentidos é, de acordo com França (2001), essencial para que se ocorra um processo de comunicação. Para a autora, a comunicação compreende:

Um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em um determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe reflexos (FRANÇA, 2001, p. 14).

O discurso em Foucault é tomado como uma prática social, historicamente determinada, que constitui os sujeitos e os objetos. A mídia, enquanto prática discursiva, produto de linguagem e processo histórico, deve ser analisada, levando-se em consideração a circulação dos enunciados, as posições de sujeito, as materialidades que dão corpo aos sentidos e as articulações dos enunciados com a história e a memória. Com isso podemos

apreender o seu funcionamento, acompanhar trajetórias históricas de sentidos materializados nas formas discursivas da mídia.

...a noção de influência, que fornece um suporte - demasiado mágico para poder ser bem analisado - aos fatos de transmissão e de comunicação; que atribui a um processo de andamento causai (mas sem delimitação rigorosa nem definição teórica) os fenômenos de semelhança ou de repetição; que liga, a distância e através do tempo como por intermédio de um meio de propagação -, unidades definidas como indivíduos, obras, noções ou teorias. (FOUCAULT, 2008, p. 24)

São as redes de memórias que se estabelecem e se evidenciam na mídia local, como memórias individuais resultantes das memórias coletivas, processadas pela história, como ressalta Pollak (1989, p.13): “Assim como as memórias coletivas e a ordem social que elas contribuem para constituir, a memória individual resulta da gestão de um equilíbrio precário de um sem-número de contradições e tensões.”

2. Redes de memórias e saber - poder no telejornalismo paraense

Partindo da idéia de televisão como dispositivo, tomamos o pensamento de Foucault como referência. Para ele, dispositivo é

Conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 2008, p. 244)

Em cada época são criados diferentes dispositivos que contribuem para a constituição das diferentes identidades.

Kellner (2001) afirma que na sociedade contemporânea a questão da identidade é cada vez mais mediada pela mídia, que produz “posições de sujeitos” (KELLNER, 2001), “que valorizam certas formas de comportamento e modo de ser, enquanto desvalorizam e denigrem outros tipos” (KELLNER, 2001, p. 307).

A televisão e outras formas da cultura da mídia desempenham papel fundamental na reestruturação da identidade contemporânea e na conformação de pensamentos e comportamentos. A televisão hoje em dia assume algumas das funções tradicionalmente atribuídas ao mito e ao ritual (ou seja, integrar os indivíduos numa ordem social, celebrando valores dominantes, oferecendo modelos de pensamento, comportamento e sexo para imitação, etc.) (KELLNER, 2001, p. 304).

Os enunciados de um telejornal trazem à tona as diferentes vozes que se constituem historicamente num corpo institucional e isso é vivenciado em todas as formas de materialidades que circulam na redação e passam desde a produção, momento em que se formula o que poderá servir como notícia, até a apresentação do material no ar.

A pauta indígena disputa, nos telejornais, espaço com outros assuntos. Normalmente só rende (utilizando a linguagem da redação) os conflitos por terra, os problemas de saúde, ou então acontecimentos que evidenciam de alguma forma um discurso vazio sobre a subjetividade desses povos e que de novo nada trazem no seu enunciado. Sobre essas regularidades discursivas, Foucault afirma,

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*. (FOUCAULT, 2014, p.47)

Essas formações estão na ordem do discurso da produção da notícia telejornalística. São os valores notícias que dão conta de vozes outras, encadeadas nos critérios de noticiabilidades jornalísticas e que estabelecem as redes de memórias envolvidas e constituídas a partir de condições de controle da sociedade.

Mas, é nesse sistema relacional de sentidos que faz do espaço do telejornal um contexto também comunicacional, “...A comunicação tem lugar em um ambiente físico, social e mental partilhado...Um telejornal sempre apresenta definições dos seus participantes, dos objetivos e dos modos de se comunicar explicitamente” (GOMES, 2007, p. 25). Deve-se levar em consideração a interpretação dos componentes e sujeitos que participam do processo de produção e construção da notícia.

Cinco emissoras detém a maior audiência no telejornalismo paraense, são elas: TV Liberal (afiliada à Rede Globo), TV Record, SBT, RBA (ligada ao grupo Band) e TV Cultura (Emissora ligada à Rede Educativa). Apesar de diferentes controles de poder, o tratamento às notícias indígenas pouco se difere entre elas.

Não é difícil perceber o tratamento da identidade indígena como algo recorrente a um passado que se faz presente a todo tempo, em todas as cinco emissoras. Nos telejornais paraenses, essa figura, ainda está povoada de discursos sobre os “índios” no século XVI, uma literatura e uma iconografia de viagens, com desdobramentos morais e filosóficos. As

sociedades indígenas, já nesta época, eram retratadas como figuras alegóricas, constituídas por cocas, arcos e flechas, pinturas corporais e nem um traço de subjetividade.

É importante trabalharmos um pouco das condições históricas que deixaram essas redes de memórias no processo de produção da notícia e que também ajuda nos dispositivos de controle do que se pode saber e do que deve ser silenciado nessas produções. A televisão no Pará chega 11 anos depois da primeira transmissão feita no resto do País, em 2 de setembro de 1961, com a TV Marajoara, canal 2. No início eram 3 horas de programação, a partir do início da noite. Havia dois telejornais, além de novela e programação musical, tudo feito ao vivo. Mas, tempos depois, a produção local dá espaço à produção da cabeça de rede TV Tupi, com seus enlatados nacionais e internacionais. Reafirmam-se ou se refutam através desses discursos o saber e o poder; são estabelecidos os direitos de fala, legitimamente e institucionalmente reconhecidos.

O viés econômico, ainda continua sendo o principal fio condutor das pautas que tornam-se acontecimento no dia a dia das redações dos telejornais paraenses e o assunto ligado as sociedades indígenas também são alvo dessa avaliação.

Manter a coesão interna e defender as fronteiras daqui que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (...), eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referências. (POLLAK, 1989, p.09).

A herança do discurso colonial está presente na seleção da pauta, no enquadramento, no texto, na seleção de imagens e no lugar que a reportagem irá ou não ocupar no espelho do telejornal. A memória coletiva que ver a Amazônia como lugar a ser ocupado, integrado, está presente, mesmo que numa leitura subliminar do sujeito produtor do noticiário. É o que Pollack chama de “enquadramento da memória”, que trabalha a reinterpretação do passado para o bem do presente e do futuro.

Referências

BRAGA, José Luiz. **Um Conhecimento aforístico**. In: Anais do XXIII Encontro Anual da Compós, Belém,PA, 2014.

_____. **A interação como contexto da comunicação**. In: Anais do XXI Encontro Anual da Compós, Juiz de Fora,MG, 2012.

_____. **Nem rara, nem ausente** – tentativa. In: **Matrizes**, Ano 4 – Nº 1. São Paulo: 2010.

_____. **A sociedade enfrenta sua mídia**: Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

CAPARELLI, Sérgio. **Televisão e capitalismo no Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 1982.

CUNHA, Manuela. **Índios no Brasil**, Claroenigma, São Paulo, 2012.

DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. Atlas, 2008.

FRANÇA, Vera. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. Niterói, **UFF**, v. 5, 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/vera1.htm>>.

FILHO, Ciro Marcondes (org). **Dicionário da Comunicação**- Paulus, 2 edição – 2014

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Forense Universitária. 7ª edição. 2008

_____. **Vigiar e Punir**. Vozes, 2006

_____. **A ordem do discurso**. Loyola, São Paulo, 2006.

GOMES, Itânia. **Questões de Método na análise do Telejornalismo-Premissas, conceitos, operadores de análise**, COMPÓS, 2007.

GREGOLIN, M. “**Identidade, objeto ainda não identificado?**”. **Estudos da língua(gem)**. Vol.6, n. 1,2008.

_____.**Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidade**. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo vol.4, 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>

LAKARTOS, Eva Maria, MARCONI, Maria de Andrade, **Fundamentos de Metodologia Científica**, Atlas, 2010.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

KLEIN, Otávio José.**A midiatização no telejornalismo em Rede.As reportagens da Rede Brasil Sul de Televisão sobre os Indígenas Caigangues no Rio Grande do Sul**.
Março, 2008. Disponível



[emhttp://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/midiatizacao%20no%20telejornalismo.pdf](http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/midiatizacao%20no%20telejornalismo.pdf)

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e Identidade. Quem você pensa que é?**- Paulus – 2010.

MONARCHA, Hellen Maria Alonso. **Redes sociais e sociedades indígenas, entre dígitos e jenipapo**, Belém, 2012.

NAVARRO, Pedro. **Estudos do Texto e do Discurso: mapeando conceitos e métodos**. Claraluz, São Paulo, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio. In: Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 02, n.03, 1989.p.03-15.

OROZCO, Guillermo, GONZÁLES, Rodrigo. **Uma coartada metodológica, Abordajes cualitativos em La investigación em comunicación, médios y audiências**. 2011.

NEVES, Ivânia. **A invenção do índio e as narrativas orais Tupi** -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

TORRES, Vânia. **Amazônia e Telejornalismo: Uma Leitura dos Sujeitos nas Narrativas Audiovisuais** . Outubro, 2011. Disponível em: http://www.unicentro.br/redemc/2011/conteudo/alaic_artigos/Alaic_Torres_Costa.pdf